

# Enai 2015



**LD**  
Equipe  
Linha Direta

O debate, as propostas e o consenso entre empresários, representantes do governo e do Congresso Nacional são o caminho para a superação da crise e a retomada do crescimento econômico. Nessa direção, o 10º Encontro Nacional da Indústria (Enai) reuniu cerca de 2 mil líderes empresariais de todo o País, parlamentares e representantes do governo nos dias 11 e 12 de novembro, no Centro Internacional de Convenções do Brasil, em Brasília/DF.

Organizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), o Enai é o maior fórum empresarial do Brasil. Realizado anualmente desde 2006, discute os grandes temas nacionais e propõe ações capazes de criar um ambiente mais favo-

rável aos investimentos e estimular o desenvolvimento da Nação. Neste ano, diante da crise política e econômica, o tema foi *Brasil: ajustes e correção de rota*.

Durante a abertura do evento, o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, disse que o Encontro se realizou em um momento extremamente complexo da história do País. "Vivemos uma situação que exige urgência na solução de questões econômicas, políticas e institucionais, que são obstáculos ao pleno desenvolvimento do Brasil", discursou Andrade, ressaltando a importância do debate nacional em favor da superação dos problemas que atrasam a realização do potencial da Nação. "Não podemos assistir, como meros espectadores, à deterioração do País. É preciso trabalhar para evitar que a crise se aprofunde, tornando ainda mais difícil a remoção dos obstáculos que nos afligem".

## CNI promove 10º Encontro Nacional da Indústria com palestra especial do ex-presidente americano Bill Clinton

Indústria

Co-realização



Robson Braga de Andrade, presidente da CNI

Ainda durante o discurso, Andrade declarou que o País é maior do que qualquer crise. "Sempre soubemos enfrentar e vencer momentos difíceis, mas é importante que se tenha uma perspectiva mais ampla sobre a atual situação", alertou o presidente, dizendo que os desajustes do Estado brasileiro estão na raiz desse desempenho econômico muito aquém do potencial. "Tudo isso tem um enorme impacto na qualidade de vida das pessoas e na produtividade, que é a forma primordial de promoção do crescimento sustentável".

Andrade afirmou que a agenda adequada para o momento que vivemos vai além da superação de temas conjunturais: precisa atacar entraves estruturais. "As transformações nas relações entre o Estado e a economia têm impacto na forma de operação do setor privado, e isso se reflete na governança, nos procedimentos e

na forma de interação entre as duas áreas. É preciso ser eficiente, ágil, transparente e com competências bem definidas", enfatizou o presidente da CNI, completando que o País não pode mais postergar a solução de seus problemas econômicos, políticos e institucionais. Eles são graves, complexos e urgentes. "Temos pressa, não podemos mais esperar, precisamos atuar com energia e persistência. Essa é uma tarefa de todos – empresários, trabalhadores, instituições da sociedade civil, governo, congresso e judiciário. Os desafios são grandes, mas a nossa capacidade de superá-los é ainda maior. Devemos manter o otimismo e a confiança no nosso País. Esse momento adverso certamente passará com nosso trabalho e com a nossa união", finalizou.

### AUTORIDADES

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro, e o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, também estiveram presentes na abertura do evento. Monteiro disse que a disputa política não pode prejudicar a implementação das reformas. "Essa agenda demanda um mínimo de entendimento político. A indústria tem a responsabilidade de, ao lado de outras forças sociais, clamar por um acordo político que permita que se promova o entendimento em torno de uma agenda mínima, de Estado, que não se destina a apenas ajudar esse governo".

Já o ministro da Fazenda falou que os planos do governo para o desenvolvimento do Brasil contém os mesmos princípios e ações propostos pela indústria. "Nossas agendas são convergentes. Concordamos que o País precisa oferecer um ambiente de confiança e de segurança jurídica para os investidores", acrescentou Levy. Segundo ele, o projeto do governo é simplificar os impostos, modernizar a legislação trabalhista e ampliar os investimentos em infraestrutura. "Antes disso, no entanto, o Brasil precisa enfrentar a questão do ajuste fiscal e criar novas condições de financiamento da economia", afirmou.

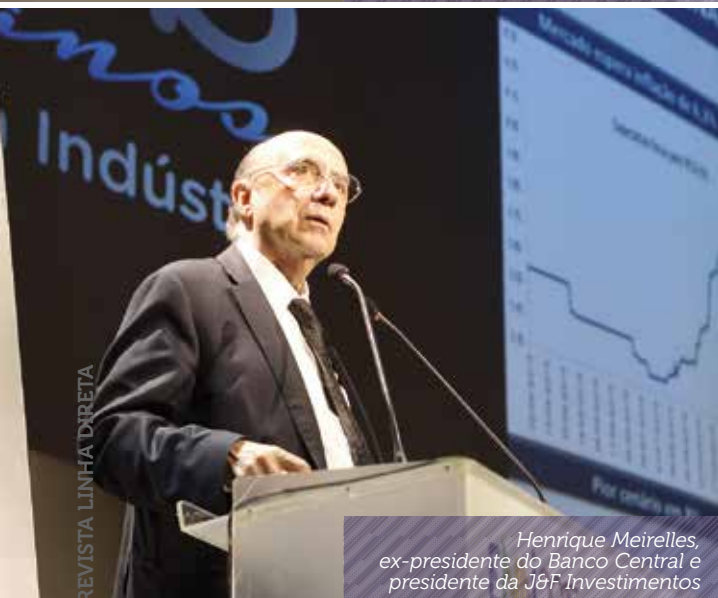
Ao encerrar sua participação no 10º Enai, o ministro deixou uma mensagem de otimismo para os empresários: "O Brasil tem as condições políticas de fazer as reformas necessárias para colocar o País em um novo patamar de crescimento".



Armando Monteiro,  
ministro do Desenvolvimento,  
Indústria e Comércio Exterior



Joaquim Levy,  
ministro da Fazenda



Henrique Meirelles,  
ex-presidente do Banco Central e  
presidente da J&F Investimentos

## ESPECIALISTA

O ex-presidente do Banco Central e presidente da J&F Investimentos, Henrique Meirelles, foi um dos palestrantes do 10º Enai. Ele descreveu os principais entraves que atualmente limitam o crescimento potencial da economia brasileira e deu especial destaque à educação. Para Meirelles, o País avançou no acesso da população ao ensino e no número de anos de estudos, mas a qualidade da educação ainda está defasada, quando comparada à de outras economias emergentes. “Esse é um componente muito importante da produtividade e um desafio sobre o qual as lideranças precisam ter foco e objetivos claros”, afirmou.

O crescimento sustentável da economia depende da disseminação, hoje, de boas práticas de planejamento, governança e ações articuladas com foco no longo prazo, na visão do ex-presidente do Banco Central. “Temos que viabilizar investimentos, com segurança das regras do jogo e livre competição. Forçar o empresário a investir com determinada taxa de retorno não funciona. Temos que acreditar na livre competição”, disse Meirelles.

## INTERNACIONAL

Bill Clinton, ex-presidente dos Estados Unidos da América, desembarcou em Brasília para o encerramento do 10º Encontro Nacional da Indústria. Ele encontrou um cenário econômico bem diferente do que viu há dois anos, quando esteve no País. Desta vez, o ex-presidente americano chegou em um momento crítico para o Brasil. Clinton trouxe a experiência de seus oito anos de governo, quando impôs uma rigorosa contenção de gastos públicos e colheu como fruto a maior expansão econômica da história americana no pós-guerra, incluindo a geração de 22 milhões de empregos.

Durante seu discurso, o ex-presidente americano afirmou que o mundo precisa de um Brasil bem-sucedido e que os Estados Unidos necessitam “desesperadamente” de que seu principal parceiro comercial no Hemisfério Sul dê certo. “Todo americano tem interesse em ver o sucesso do Brasil”, garantiu Clinton. Em tom mais otimista do que aquele que o empresariado brasileiro está acostumado a ouvir em relação ao País, o ex-presidente disse que preferiria estar na situação do Brasil que



Bill Clinton, ex-presidente dos Estados Unidos

na de muitos países do mundo. Segundo ele, apesar da gravidade da crise, o cenário doméstico – resultado de duas décadas de avanços sociais e econômicos – é mais favorável que o de países que, por exemplo, enfrentam elevadas taxas de desemprego na população jovem, como a Grécia, ou atravessam uma guerra civil e a ameaça de um estado terrorista, como a Síria.

“Tenho otimismo com o Brasil. Todos atravessamos um momento difícil, mas a capacidade de o País fazer as coisas acontecerem é impressionante. Nunca se esqueçam das vantagens dadas por Deus a esse País. No Brasil, eu acredito”, afirmou o ex-presidente americano. “É natural que fatos negativos dominem as manchetes, mas o futuro é moldado pelas perspectivas de longo prazo”.

Na avaliação de Clinton, a economia mundial impõe aos países o desafio de buscar padrões mais equilibrados de crescimento, incluindo uma parcela maior da população nos serviços de educação e saúde. Isso, disse, deve ser perseguido em esforço integrado. “Estamos vivendo uma época de enorme interdependência entre os países, que não podem apenas se divorciar um dos outros”, argumentou.

Nesse aspecto, o ex-presidente americano defendeu maior integração à economia global. O Brasil, segundo ele, tem enorme potencial para exercer maior protagonismo na integração dos países devido a seus recursos naturais e humanos e à trajetória de superação de crises. Ressaltou, contudo, a necessidade de ajustes na política econômica em vigor desde a crise financeira de 2009 e na forte dependência das exportações de *commodities* que, na visão dele, criaram distorções na economia doméstica.

Clinton pediu aos empresários brasileiros que olhem as conquistas sociais e econômicas dos últimos 25 anos. Citou como exemplos os avanços na pesquisa para o tratamento do vírus HIV, o compromisso do País com a meta de redução na emissão de gases de efeito estufa e em manter 90% da matriz energética limpa. “Há uma boa probabilidade de que, em cinco anos, vocês olhem para trás e pensem: ‘por que me preocupei tanto?’”, disse o ex-presidente. “O navio do Brasil não está afundando”, finalizou. ■